

Unesp – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Departamento de Comunicação Social

Domingo na Feira

Reportagem Multimídia

Diogo Zambello Zacarias

Bauru

2011

Unesp – Universidade Estadual Paulista

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Departamento de Comunicação Social

Domingo na Feira

Reportagem Multimídia

Projeto experimental realizado pelo aluno Diogo Zambello Zacarias sob a orientação do Professor Doutor Jean Cristtus Portela apresentado ao Departamento de Comunicação Social como requisito para a conclusão do Curso de Jornalismo.

Bauru

2011

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	04
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	06
PROPOSTA	14
PLANEJAMENTO	16
EXECUÇÃO	17
RECURSOS TÉCNICOS	21
RECURSOS HUMANOS	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
BIBLIOGRAFIA	25

Apresentação

Há mais de 40 anos, semanalmente, feirantes e demais “roleiros” levam suas mercadorias para fazer negócio na Feira do Rolo, em Bauru (SP), um curioso evento dominical que é regionalmente conhecido e frequentado. Dificilmente quem já visitou a Feira do Rolo a encontrou não menos que bem cheia de pessoas circulando, salvo nos dias de chuva. Religiosamente aos domingos, a Feira começa logo de manhã, por volta de seis horas e termina por volta do meio-dia. Durante esse período, segundo dados da Polícia Militar, circulam entre a Feira Livre da Rua Gustavo Maciel e seu apêndice na Rua Júlio Prestes, a Feira do Rolo, cerca de quinze mil pessoas, um número expressivo para uma cidade com o porte de Bauru. É como se um pouco mais do que 4% da população de Bauru visitasse essa região em um período de quase seis horas.

Caminhando pela feira, pode-se imaginar a quantidade de histórias que aos domingos preenchem o espaço onde é realizada, assim como se pode observar a grande variedade de objetos curiosos e tipos de pessoas. Tendo em vista a paisagem e seus personagens, a Feira do Rolo é uma grande oportunidade para registros de muitos tipos, por exemplo, jornalístico, literário, fotográfico, audiovisual, etc. Curiosamente, ao pesquisar sobre o tema, os registros não chegam nem perto de serem vastos. Tanto nas bibliotecas, quanto na internet e, sobretudo, na Prefeitura e suas Secretarias, o material encontrado é quase nulo. Nada de substancial sobre o tema foi encontrado, tão pouco algumas informações básicas, como a data de fundação da feira, por exemplo. Essas informações seriam conseguidas mais tarde já na pesquisa de campo por meio de entrevistas.

É desse panorama inicial que surgiu a ideia de realizar uma reportagem sobre a Feira do Rolo, com o intuito de revelar o lado humano e histórico que a Feira apresenta

e suprir a necessidade de material informativo sobre a sua existência, que de algum modo ocupa um lugar respeitável na agenda dominical dos bauruenses.

Quanto ao formato da reportagem, o escolhido foi o **multimídia**, pois dessa maneira o leitor estará diante de um material de fruição leve e leitura autônoma, no entanto, ao mesmo tempo estará diante de um conteúdo aprofundado sobre o tema. Vídeo, textos e fotos retratam a ambiência da Feira de uma maneira dinâmica e original. Uma das propostas do formato multimídia é a opção de várias entradas de leitura à disposição do leitor - o que não existe nos blogs convencionais, que seguem uma lógica temporal ditada pela frequência das postagens, e muito menos nos livros reportagens, que oferecem uma leitura completamente linear. Outra vantagem da reportagem com plataforma na web é a possibilidade de compartilhamento rápido, por meio de redes sociais, mensageiros instantâneos, e-mail, etc. Assim como a disponibilidade de acesso ao conteúdo de qualquer lugar que tenha acesso à rede mundial de computadores.

O objetivo da reportagem multimídia ora relatada é produzir um material de fácil acesso, coeso e embasado sobre a rica manifestação social que é a Feira do Rolo; humanizar o evento por meio das linguagens à disposição, evento que por muitas vezes é visto com certo preconceito e que por algumas vezes já sofreu tentativas de criminalização; registrar qual o significado da Feira do Rolo segundo quem vive dela. Enfim, o foco do trabalho é a construção de uma narrativa atraente na qual se evidenciem as relações subjetivas dos personagens escolhidos com o espaço e a convivência na feira.

Referências Teóricas

1. O jornalista como flanador

Em seu ensaio *O Pintor da Vida Moderna* (1863, Charles Baudelaire usa como representação do *flâneur* - flanador - o notável pintor chamado de Sr. G., definido pelo próprio autor como “cidadão espiritual do mundo”, um homem interessado pela vida e por tudo aquilo que o cerca. O pintor de Baudelaire compreende as razões misteriosas do mundo por meio da apreciação e interesse naquilo que acontece em sua volta (Baudelaire, 2006, p.15). A personalidade de Sr. G. representa o desprendimento do autor da normativização socioeconômica insistentemente imputados pela sociedade parisiense de meados do século XIX.

Para este relatório, o que nos interessa no comportamento desse Sr. G. é a curiosidade como combustível da sua genialidade, é o fato de se interessar “vivamente pelas coisas, mesmo por aquelas que são aparentemente triviais”. Isso é o que justifica o seu comportamento de “homem do mundo”, a fugacidade em prender-se e desprender-se em conhecer toda a superfície sem restrições territoriais (Baudelaire, 2006, p. 16). O prazer da personagem em se interessar pelo mundo e absorver as coisas ao seu redor tem a ver com seu desprendimento em relação às imposições da moderna Paris da época.

Sendo assim, Sr. G. representa o observador nato, aquele que vive do prazer de observar com inteligência todas as movimentações que o cercam. O flanador em Sr. G. se resolve como um especialista em observar a rua e tudo o que ela traz em sua superfície: edificações, pessoas e, especialmente, as relações entre espaço e convívio; é aquele que elegeu a rua como moradia, vive fora de casa, mas se sente em casa em

qualquer canto da cidade (Baudelaire, 2006, p. 18). Talvez o mais importante: esse flânser não é seduzido pelos caprichos criados pela sociedade moderna, que acabara de descobrir o prazer em consumir e acumular, no entanto, entende muito bem as relações do cidadão médio parisiense com os bens materiais, mesmo desaprovando-as.

É esse interesse genuíno pelo detalhe, pela ambiência contraditória da metrópole, que nos autoriza a aproximar o périplo do Sr. G. do trabalho do jornalista que se lança a realizar uma reportagem como meio de conhecimento – mais do que como meio de mera informação –, meio de conhecimento pelo qual o jornalista humaniza a cidade e, sobretudo, se humaniza.

Nas suas *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo* (1989) Walter Benjamin explora esse conceito de flânser presente em Baudelaire. Benjamin não só concorda com Baudelaire, como é a partir dele que destaca as ruas e a multidão como refúgio do flânser. Contudo, Benjamin sugere uma nova resolução para a relação entre o flânser e a cidade, levando em consideração a sua experiência na primeira metade do século XX.

Perambulando em meio à metrópole, o flânser se encontra no limiar entre a classe média e a multidão. É na rua que o indivíduo busca refúgio para descrever a tentativa de superar a barreira que o separa da sua completa identificação (Benjamin, 2000, p. 40). No meio da multidão o indivíduo estaria tranquilo, pois encontraria a paz ao se juntar com outros anônimos, tornando-o assim quase que invisível socialmente, diluindo sua identidade na massa. É justamente essa multidão de indivíduos diluídos que cria uma paisagem que Benjamin chama de fantasmagórica, pois nela pode se esconder o lado horrível da sociedade.

Para Benjamin, a cidade é mais ameaçadora para o flânser do que para Baudelaire. A sociedade que o absorve está ferida pela voracidade da reprodução

industrial em busca do lucro e da produção, “criminalizando” qualquer tipo de ócio. Em ambos os autores, o ócio é fundamental para a atividade de observação e descrição do flânador. É no não-fazer que ele encontra espaço para observar e digerir os acontecimentos ao seu redor.

Também num contexto de transformações, o Rio de Janeiro do início do século XX abrigou em suas ruas um jornalista que é referência para o jornalismo literário e investigativo brasileiro. João do Rio se destaca com uma obra que, seguramente, está entre as maiores realizações textuais do país (BULHÕES, 2007, p. 104).

Seus textos se encontram entre a reportagem, a crônica e o conto sobre as transformações dos hábitos, comportamentos e costumes nas duas primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro, em que as extravagâncias parisienses de meados do século XIX finalmente chegavam ao Brasil. Era um especialista em observar os tipos sociais, seus costumes e relações, e com muito requinte e sensibilidade o escritor representava isso de maneira notável em sua obra.

Em muitas das suas publicações para os jornais *Gazeta de Notícias* e *O País*, pode-se encontrar o **flânador**, um perambulante ocioso caminhando a esmo observando com inteligência tudo o que está se passando a sua volta. No entanto, em João do Rio, o flânador está imbuído de atributos do ofício jornalístico, seu andar pelas ruas registra o trivial, os tipos sociais e a voracidade da mudança dos tempos (BULHÕES, 2007, p. 106). Nesse ponto, o flânar de João do Rio assemelha-se ao do Sr. G., de Baudelaire, pois ambos os artistas valem-se da capacidade de absorver o trivial mundano e transportá-lo com primor estético, respectivamente, para as linhas do texto e para as pinceladas do quadro.

O flânar de João do Rio se diferencia sensivelmente dos conceitos de Benjamin e Baudelaire em um ponto: é revestido de uma atitude profissional ao usar técnicas de

reportagem (entrevistas, apuração, documentação) para registrar e notificar os acontecimentos (Bulhões, 2007, p. 106). Esse flunar em João do Rio não é fruto, pura e simplesmente, de seu ócio e descontentamento com as contingências do capital, ele faz, antes de tudo, parte de seu ofício.

Em *A Encantadora Alma das Ruas*, João do Rio faz uma apologia à ação de flunar:

[...] Que significa Flunar? Flunar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flunar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali na esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco gozar nas praças os ajuntamentos das lanternas mágicas, [...] é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem, cujo riso de amor causa inveja... É vagabundagem? Talvez. Flunar é a distinção do perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. Do alto de uma janela com Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; a porta do café, como Poe no Homem das multidões, dedica-se ao exercício de adivinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes. É uma espécie de secreta à maneira Sherlock Homes, sem o inconveniente dos secretas nacionais.

Diametralmente oposta à exaltação do flunador por João do Rio, encontra-se hoje em dia a profissão de repórter, atividade, para muitos, essencialmente utilitarista, a serviço tão somente da velocidade, em detrimento da qualidade e da profundidade da abordagem. Nada mais horripilante para um flunador, esse profissional da observação, do que a inexistência de tempo para absorver aquilo que as ruas falam. João do Rio, assim como outros flunadores, são os tradutores da rua, são eles que põem em palavras aquilo que na rua acontece trivialmente todos os dias. Enfim, o flunador em João do Rio é aquele que usa da *flânerie* como recurso profissional, mas não somente; e por outro lado realiza muito bem seu ofício sem a pressão da cartilha do jornalismo tradicional.

Não é à toa que Bulhões (2007, p. 107), em *Jornalismo e Literatura em Convergência*, afirma que “João do Rio teria ativado o processo decisivo que

transformou a crônica em reportagem, tornando a presença física do repórter no local dos acontecimentos a condição indispensável para a construção do texto jornalístico”.

É sob os auspícios do flanador que a nossa reportagem multimídia *Domingo na Feira* quer se instalar, em oposição a uma lógica de representação puramente factual e utilitária.

2. A reportagem multimídia

Desde seu surgimento, o jornalismo sempre teve uma relação estreita com as tecnologias. Tal ligação, no entanto, se restringia apenas ao suporte com o qual se trabalhava (do mimeógrafo ao computador, passando pela máquina de escrever). Essas parcerias raramente abrangiam o campo conceitual, em que as inovações tecnológicas eram meros artifícios auxiliares na apuração do repórter (MACHADO, 2003, p. 20).

O exemplo mais proeminente disso é o conceito de *Precision Journalism*, criado na década de 1960 pelo jornalista estadunidense Philip Meyer, em que o jornalismo se alia a tecnologias e conceitos das Ciências Sociais para agilizar e aperfeiçoar a apuração. Surgem, então, as Reportagens com Auxílio do Computador (RAC). Como o próprio nome já elucida, a informática é um mero artifício auxiliar do repórter, sem que haja uma revolução profunda na estrutura de seu trabalho (IDEM, p.21)

O surgimento e a propagação da Internet, no entanto, proporcionaram um novo contexto social e tecnológico, criando novas formas de se fazer jornalismo. Segundo Elias Machado, a Web proporciona uma inovação tão grande que deve deixar de ser pensada apenas como um auxílio, mas sim como um ambiente de trabalho totalmente inédito: mais que ferramentas ao dispor dos jornalistas, as tecnologias de circulação e

armazenamento de dados são o indício de fenômeno um mais amplo que exige diferentes habilidades dos profissionais de jornalismo (IDEM, p. 23):

A consolidação do jornalismo digital pressupõe a compreensão de que a tecnologia representa a possibilidade de criação de um formato distinto de jornalismo em que todas as etapas do sistema de produção de conteúdo – desde a apuração até a circulação – são circunscritas aos limites do ciberespaço. (IDEM, p. 35)

As características distintas das quais Machado fala podem divididas em:

Instantaneidade – A característica da notícia em primeiríssima mão e em tempo real vem do rádio, porém na internet há a possibilidade da postagem de fotos para uma melhor ambiência do ocorrido;

Interatividade – Talvez a característica mais marcante da web seja a possibilidade de interação com seu público. Pode ser através de comentários por parte dos usuários, ou o próprio usuário como divulgador de notícias;

Perenidade – No ciberespaço existe a possibilidade de armazenamento de dados sem a necessidade de um espaço físico propriamente dito. Com isso é possível armazenar as notícias e qualquer conteúdo jornalístico sem se preocupar com o espaço. Mais que o armazenamento, a web possibilita um sistema de busca, ou seja, no jornalismo on-line a facilidade de buscar dados é enorme;

Hipertextualidade – A grande vantagem da hipertextualidade é proporcionar ao leitor uma leitura em que ele pode fazer seu próprio caminho. Linkar conteúdos por meio de palavras chaves ou sugestões de leitura é uma possibilidade no momento de edição do Jornalismo On-line;

Multimediação – Na Internet praticamente todas as outras modalidades do jornalismo podem se convergir. Existe a possibilidade de articular conteúdo de texto, fotos, imagens e audiovisual da maneira que melhor convir para a edição da notícia;

Customização de Conteúdo – A possibilidade de o leitor customizar o conteúdo conforme seu interesse também é algo inovador do ciberespaço. Com isso, o consumidor da informação pode escolher a quais notícias quer ter acesso, bem como pode priorizar a importância de assuntos para si. Isso pode ser feito por meio de ferramentas como twitter, newsletter, feeds RSS, etc.

3. Por um uso humanizado dos meios técnicos

Vivemos uma globalização a serviço do capital. As técnicas desenvolvidas ao longo da história estão a favor da concentração de renda e de informação. Nossa era é caracterizada pela unicidade técnica da informação, a qual está intimamente atrelada com os interesses do mercado. O ciclo vicioso se fecha: o capital gera possibilidades de avanços técnicos e o conhecimento e prática técnica gera possibilidades de gerar mais capital (SANTOS, 2000, p. 18). O discurso consagrado que se põem a serviço do império do dinheiro encontra alicerce na produção de imagens e de imaginário, fundado na monetarização da vida social e da vida pessoal. Nesse mundo globalizado visto como invenção ergue-se um bom tanto de fantasias, que por meio de repetição as tornam sólidas em sua interpretação (SANTOS, 2000, p. 18).

Ainda assim, podemos pensar em uma globalização mais humana baseada na humanização do uso dos meios técnicos a favor da convergência de momentos e conhecimento do planeta. É apoiado nesses meios que o capital constrói a realidade de acordo com seus próprios interesses. Entretanto, essas mesmas bases técnicas podem

servir a outros interesses se forem colocadas a disposição de outros fundamentos sociais, políticos e econômicos (SANTOS, 2000, p. 20).

É assim que pretendemos na reportagem multimídia Domingo na Feira valer-se dos recursos técnicos concebidos no âmbito da internet, sobretudo a sua possibilidade de articular diversas linguagens (texto impresso, foto e vídeo), com o objetivo de revelar os mais variados aspectos da manifestação sociocultural singular que é a Feira do Rolo.

Proposta

1. Forma e Conteúdo

A proposta da reportagem multimídia *Domingo na Feira* é usar um modelo moderno, interativo e dinâmico de conteúdo jornalístico para trazer ao conhecimento, não só, mas especialmente, do cidadão bauruense um retrato humanizado e aprofundado de um evento à margem da programação cultural, econômica e de lazer oficial da cidade. A ideia é usar, primeiramente, dos processos jornalísticos – no que diz respeito ao conteúdo - (observação, entrevista, apuração, documentação; registro fotográfico, audiovisual, textual) e, em seguida, dos meios técnicos digitais – no que diz respeito à forma - de edição e produção de narrativas para dar corpo e consistência a um material interessante não só do ponto de vista jornalístico, como do ponto de vista estético.

É claro que a partir da proposta de usar os meios técnicos e linguagens atuais para dar vida a uma reportagem que busca relativizar uma série de atividades que muitas vezes passa despercebida pela sociedade - quando muito não é recriminada -, o próprio formato se mistura com o conteúdo, tornando difícil a separação clara entre ambos os aspectos. Há uma grande preocupação na construção de uma identidade visual coerente com os aspectos que foram notados durante o processo de apuração. Dessa maneira, a conceituação e a construção da identidade visual se deram posteriormente à apuração, só assim a proposta de sincronizar o máximo possível a forma com o conteúdo faria sentido.

2. Estilo

No que diz respeito ao estilo do texto, a escolha por um gênero que flerta com o literário tem a ver com a possibilidade de extravasar o modelo tradicional de *lead* do jornalismo mais corriqueiro. Contaminado pelo espírito flandoso, esse estilo mais despojado, porém bastante informativo, permite brincar com o lúdico e, dessa maneira, dar margem para metáforas e comparações mais elaboradas, corroborando para um sentido mais subjetivo dos registros. Longe de buscar a comparação, mas sim confessando a inspiração – e mais: a admiração –, a intenção do texto é semelhante àquela que deu notoriedade a João Antônio: aproximar a realidade ambígua das ruas – onde riqueza cultural e carência econômica se encontram – da classe média consumidora de informação.

3. Fotos e Vídeo

A escolha por um longo ensaio fotográfico e um vídeo de apresentação se encaixa na proposta de criar uma ambiência pictórica viva para o leitor. O texto traz impressões subjetivas e informações mais pontuais - como os números oficiais, por exemplo -, enquanto as fotos representam visualmente, também como narrativa, o ambiente da Feira do Rolo.

O vídeo busca trazer para o leitor duas narrativas paralelas: a impressão dos feirantes e frequentadores sobre o significado e a relação pessoal com a feira; e o resgate da sua história, desde a sua fundação. A escolha por uma edição dinâmica tem a ver com o tipo de público-alvo que se informa pela internet, um público acostumado com quantidade e velocidade de informação, mas isso sem perder de vista o conteúdo.

Planejamento

Meses	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov
Levantamento de referências	X	X						
Leitura Bibliográfica/ Produção de pautas			X					
Articulação de colaboradores/dist ribuição de tarefas				X				
Realização das pautas					X	X		
Finalização das pautas/ Crivo de material.							X	
Edição e montagem do produto.							X	
Realização do Relatório/ Protocolo								X
Apresentação para a banca								X

Execução

1. Levantamento de referências e bibliografia

O levantamento bibliográfico se deu em conjunto com o orientador do projeto, buscando os conceitos ligados à tradição literária e multimidiática do Jornalismo que dialogassem com a proposta embrionária da reportagem. O que ficou claro durante a pesquisa é que o material acadêmico de cunho técnico serve à proposta ainda é muito escasso. Talvez pela novidade que represente a proposta de uma reportagem multimídia, trabalhos de caráter sobre o assunto são raros.

As referências no Jornalismo nacional para o produto que apresentamos são também quase nulas. O que pode ser citado é uma reportagem do portal *O Globo* sobre a indústria pecuária que avança sobre terras indígenas no norte do país (oglobo.globo.com/economia/carnesuja/). Outra referência – essa de caráter experimental – é um Trabalho de Conclusão de Curso de alunos da Universidade Anhembí Morumbi, cujo tema foi os vendedores ambulantes que atuam nos trens de São Paulo (<http://www.ambulantesnotrem.com/>).

Já os portais do *Clarín*, da Argentina, e *El País*, da Espanha, apresentam um rico material, e talvez o começo de uma tradição, em reportagens multimídia: <http://dant.clarin.com/diario/especiales/> e <http://www.elpais.com.co/reportaje360/>, respectivamente.

2. Articulação com colaboradores

A articulação com colaboradores foi planejada de acordo com a afinidade dos profissionais com as áreas que o projeto abrange. O E-Colab (Grupo de cobertura colaborativa de Bauru: (<http://e-colab.blogspot.com/>)) é um dos principais parceiros do produto, apoiando com recursos humanos e técnicos para filmagens e produção textual de duas pautas. A dificuldade da demanda colaborativa é conseguir estabelecer um cronograma no qual os horários dos envolvidos e fontes se ajustem. A solução para tal empecilho é escapar minimamente, na medida do possível, do planejamento para a realização das pautas. Além do E-Colab, o projeto envolve mais dois colegas que prontamente se disponibilizaram para colaborar no projeto: o responsável pela linguagem visual e o responsável pela edição do vídeo. (As tarefas devidamente discriminadas estão no item *Recursos Humanos*)

3. Elaboração e delimitação das pautas

Talvez a etapa crucial, aquela que delimitou o projeto, foi a elaboração das pautas. Esse é o momento em que se alia o espírito flanador, como especialista em observar, e o faro jornalístico para a escolha dos temas a tratar. Obviamente isso não se dá de uma maneira exatamente planejada, mas sim de forma orgânica, quando somente o perambular ocioso pode dar luz aos personagens e às histórias que se encontram na Feira.

Foram algumas visitas prévias à Feira (não saberia dizer se era a passeio ou já a trabalho – arriscaria a primeira opção), que moldaram a princípio o encaminhamento da

reportagem. Muitas conversas com agentes orgânicos da Feira também foram fundamentais para a elucidação do enquadramento e abordagem do assunto.

Foram duas pautas distribuídas aos colaboradores da seguinte maneira: um colaborador faria um texto de imersão completamente livre sobre suas impressões mais latentes da feira; outro colaborador faria um texto sobre o rolo feito com mediação da internet, inspirado nas comunidades virtuais de trocas.

4. Execução das Pautas e Edição

A etapa de execução é, obviamente, aquela que exige mais minúcia e trabalho. É nesse ponto que o ofício jornalístico deve falar um pequeno tanto mais alto que o espírito flanador. A maior dificuldade e, ao mesmo tempo a maior facilidade dessa etapa, se encontra no relacionamento com as fontes. A situação é ambígua, pois na maioria dos casos a solicitude da fonte, causada por uma convivência mais intensa e por ser um tema de interesse de ambas as partes, pode ultrapassar o nível profissional e se confundir com uma relação na qual a amizade mais estreita pode atrapalhar a captação das informações. No entanto, quanto maior for o grau de proximidade com a fonte, mais à vontade e naturalmente o assunto pode se desenvolver. É necessário o constante estímulo da sensibilidade tanto profissional, quanto interpessoal no trato com as fontes envolvidas para que a condução do trabalho seja feita de maneira ética e íntegra.

Diferentemente do previsto, as fontes oficiais foram as mais fáceis de lidar. A pré-disposição para dar informações, e até mesmo falar sobre o tema que a princípio parecia ser polêmico para os funcionários da Prefeitura, foi surpreendente. A quantidade de entrevistas de agentes oficiais superou o que estava planejado inicialmente.

Depois de toda a coleta e apuração do material, a edição ficou relativamente natural. Talvez pela quantidade de material coletado e pelas pautas terem sido pensadas de maneira consistente, a edição foi facilitada. O que pode ser destacado como tarefa mais árdua nessa fase de edição é o cuidado para encontrar a melhor maneira possível de construir uma linguagem coerente com o produto em geral.

Recursos Técnicos

Todos os equipamentos usados para a captação de imagens e áudio são pessoais, com exceção da câmera filmadora (Sony HD 1000), patrimônio da Unesp, usada em uma visita à Feira do Rolo. A produção do material final, edição e tratamento do material foram realizados na casa das pessoas envolvidas no projeto. Os laboratórios não foram usados.

Equipamentos utilizados:

- Câmera fotográfica Canon Rebel EOS;
- Lente Canon EFS 18-55mm;
- Lente Canon EFS 55-250mm;
- Câmera fotográfica/filmadora Canon Rebel T2i;
- Câmera filmadora Sony HD 1000;
- Câmera filmadora Panasonic HDC-HS20;
- Notebook Positivo Mobile 277.

Recursos Humanos

Colaboradores:

Aline Ramos - (E-colab) estudante de Jornalismo na Unesp: Responsável pelo texto de impressões pessoais sobre a Feira

Ana Beatriz Assam - (E-colab) estudante de Jornalismo na Unesp: Responsável pelo texto sobre Rolos na Internet

Marcela Azevedo - (E-colab) estudante de Rádio e Tv na Unesp: Responsável pela captação das imagens na Feira e da entrevista com Secretário da Cultura de Bauru

Olavo Barros - (E-colab) estudante de Jornalismo na Unesp: Responsável pela captação das imagens da entrevista com o fundador da Feira

Lígia Motta e Vinícius Martins - (E-colab) estudantes de Rádio e Tv na Unesp: Responsáveis pela captação das imagens da entrevista com o Professor Cláudio Bertolli

Fernanda Barban - (E-colab) estudante de Rádio e TV na Unesp: Responsável pela captação das imagens da entrevista com o feirante Betinho

Fábio Figueredo – formado em Jornalismo pela Unesp: Responsável pela criação da identidade visual

Bruno Candeias – formado em Rádio e Tv pela Unesp: Responsável pela edição do vídeo

Considerações Finais

Apesar dos imprevistos crônicos e dificuldades recorrentes no meio do percurso – a maioria de natureza técnica, como já esperado –, o produto final se apresenta muito semelhante ao planejado inicialmente. É satisfatória a sensação de vê-lo já em vida. Alguns pontos sempre podem ser melhorados, obviamente, mas tendo em vista os recursos à disposição, cremos que o produto se impõe como algo consistente – é verdade muito em razão das colaborações, sobretudo, de nível técnico.

Isso chama a atenção para a qualidade multimídia que se faz necessária ao jornalista atual. É natural, e até obvio, que o talento, olhar crítico e sensibilidade no momento da apuração, investigação, entrevistas, registro e documentação ainda formam a essência do ofício jornalístico. Contudo, não é menos importante a reflexão de como esse material vai ser apresentado ao público, seja ele qual for.

No caso do presente projeto, o público-alvo foi pensado como a parcela dos consumidores de informação pela internet que prezam por uma narrativa densa - mas que sua fruição, por ser leve e de maneira não linear, possa atrair outros segmentos. Por isso, a aplicabilidade do projeto, talvez, faria mais sentido inserido em uma série de reportagens com a mesma plataforma, mas não necessariamente sobre temas próximos (assim como visto nos portais do *Clarín* e *El País*).

Conclui-se, portanto, que as principais contribuições do presente projeto são: quanto à linguagem e formato; e quanto à memória. Sobre a linguagem e formato, podemos dizer que apesar do atual curso de Jornalismo da Unesp estar circunscrito em uma época marcada principalmente pela velocidade de informação e seu grande consumo pela internet, pouco é produzido na Universidade nesse sentido. A reportagem *Domingo na Feira*,carrega consigo a preocupação de inovação quanto à maneira de se

consumir informação, além de explorar as possibilidades de convergência de linguagens proporcionadas pela plataforma virtual.

Quanto à memória, os registros feitos durante a reportagem *Domingo na Feira*, são, provavelmente, de caráter pioneiro. A centralização de algumas informações que estavam espalhadas entre alguns dados soltos pela Prefeitura da cidade e as memórias dos feirantes e “demais roleiros” busca suprir a carência de material sobre esse evento, por muitas vezes polêmico, que ocupa um lugar distinto e respeitável no cenário cotidiano bauruense.

Bibliografia

BAUDELEIRE, C. **O Pintor da Vida Moderna**. Lisboa: Nova Veja, 2006.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire, Um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

BULHÕES, M. **Jornalismo e Literatura em convergência**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

MACHADO, E. **Ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador. Calandra, 2003.

SANTOS, M. **Por uma outra Globalização**: Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SATURNINO, R. **A Flânerie na Rede**. Lisboa, 2010. 10 f.